



## PROJETO SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA, CAMINHOS SEGUROS

*Trabalhar em conjunto é o segredo do caminho seguro*

**S**everina chega diante do prédio de 13 andares na avenida São João com as sacolas lotadas da xepa do Mercado Municipal. Passa acuada pelos policiais que esperam decisão liminar para desocupar – ou não – o edifício. Respira fundo e enfrenta centenas de degraus, cruzando com outras mulheres, homens e crianças, enquanto mais uma assembleia acontece no segundo andar. Ainda que o endereço seja mantido, há outros desafios. Tomar banho vai ser difícil, porque são 30 famílias para um banheiro e a água pode ser cortada. E mesmo que corra tudo bem, será que o marido vai forçar o sexo ou agredi-la?

Esses poucos minutos resumem o que os técnicos do Barong encontraram nessa Galera Livre da São João e em outras três ocupações (Rua das Palmeiras, Consolação e Ipiranga), quando começaram a desenvolver com os sem-teto o Projeto Saúde Sexual e Reprodutiva, Caminhos Seguros, cujo objetivo é a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), HIV/aids, hepatites, tuberculose e uso abusivo de substâncias lícitas e ilícitas. Um grande desafio, porque nada ali é ortodoxo. “Hoje vamos desenvolver oficina de sexo seguro? Não, primeiro vamos ver quem foi preso e vamos à assembleia para, só depois, fazer o que pretendíamos”, aprende e ensina Marcelo Peixoto, coordenador dessa ação no projeto.

E assim será com outras populações atendidas pelo Barong: artesãos de escola de samba, adolescentes que cometeram delitos, mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, homens. Diferentes populações, distintas estratégias, resultados surpreendentes. O segredo do caminho seguro, para o Barong, é mesmo pensar e desenvolver ações em conjunto.

No caso dos sem-teto, a história tem recomeço, com apoio de técnicas como massagem, teatro e aconselhamento individual. “O maior resultado é o equilíbrio emocional entre casais. Não é chegar, jantar, usar o banheiro, dar uns tapas e fazer sexo com a mulher. Ela é parceira. É aprender que a vida pode não ser violenta, pode ser afetiva. Que é possível ouvir, discutir e não brigar, inclusive nas assembleias. E aí dá para transar melhor, prevenir-se e evitar gravidez, fazer exame e, se estiver doente, não ser excluído como antes. Lutamos por saúde afetiva, saúde mental, mais do que sexual”, afirma Marcelo.

Já no Grêmio Recreativo Escola de Samba Tom Maior, na Barra Funda, uma coincidência favoreceu o projeto: o enredo de 2013 sobre sexualidade. As oficinas de prevenção aconteciam durante a produção do desfile, entre aderecistas, costureiras, pessoal de cenografia e figurino, no meio de purpurina e isopor. “Um dia, ao lado do carro alegórico do Kama Sutra, a gente falava de sexo seguro, com apoio de vídeos sobre prevenção e álbum seriado”, conta Marta McBritton, presidente do Barong. Esse ambiente excitante, com esculturas de mulheres e homens nus, também anima para o sexo e a masturbação. A parceria com a empresa DKT facilitou a distribuição de preservativos e a introdução do marketing social. Alguns integrantes foram encaminhados para tratamento, como um homem com hepatite C e um jovem com gonorreia. “Despertamos naquela população os cuidados, o conhecimento dos postos de saúde para se tratar”, garante Marta.

Na Associação Novo Olhar, na Bela Vista, o Serviço de Assistência Social à Família e Proteção Social Básica atende 360 famílias, incluindo cursos profissionalizantes. Lá o Barong atuou junto a técnicos e frequentadores,





## “A gente falava de prevenção entre os adereços de carnaval”

a grande maioria de beneficiárias da Bolsa Família. A rotatividade é alta, porque os cursos de manicure e costureira ajudam as mulheres a conseguir emprego. É destaque a presença de homens em oficinas sobre sexualidade. “Então é sobre isso que nossas mulheres conversam aqui”, constata um estreado.

Em outra instituição, a Sociedade Santos Mártires, que acessa a população do Jardim Ângela e adjacências, o Barong qualifica o Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto. Adolescentes que passaram pela Fundação Casa sentem que o pior já passou, querem viver tudo, usam drogas, transam sem camisinha. O fato de terem sido humilhados na fundação tem consequências. Precisam “desconstruir a sombra de que são apenas adolescentes que cometeram delitos e foram pegos”, explica a educadora Claudia Barros. Assim, as oficinas não são apenas sobre sexualidade, prevenção de DST/aids e de gravidez, gênero, orientação sexual – também há meninas, gays e travestis –, mas incluem pedofilia e abuso.

“Como tratar de um menino que foi abusado e acabou na fundação porque também abusou?”, pergunta Claudia. E responde: “É dar atenção, informação, sem julgar. Não vou dizer para não usar a droga, mas informar a consequência”. Alguns entendem que cuidar de si e usar preservativo é uma escolha, uma adesão. O trabalho em saúde e prevenção estende-se a eles, assim como aos pais. Com os homens é mais difícil, há resistência a se falar de urologista ou de camisinha.

Já no Centro da Criança e do Adolescente Raio de Sol, também em Capão Redondo, um adolescente de 12 anos era considerado portador de transtorno mental. “Mas descobrimos que não era isso e, sim, consequências do abuso que sofria do próprio pai desde os oito anos”, relata Claudia. “Levei isso para a coordenadora: A gente conversou, ele chorou, eu me segurei. Não somos salvadores da pátria, mas se o projeto não contemplasse demandas não previstas, o que seria dele? Hoje, esse menino está fazendo terapia, a mãe também, o pai, sendo processado. E sempre que ele me vê, diz: ‘Tia, Caminhos Seguros, hein? Não pode ir embora daqui não’. De alguma forma, surgiu um caminho seguro para ele”.

BARONG  
 Instituto Cultural Barong  
 Projeto Saúde Sexual e Reprodutiva, Caminhos Seguros

